|  |
| --- |
| --- |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| layout: post |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| title: 'Brasil: terror e violência' |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| author: Rafael Arcanjo |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| description: artigo |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| categories: |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| - violência |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| - direitos humanos |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| - política |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

|  |
| --- |
| image: assets/images/brasil terror e violencia.jpg |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

---

“Que fizeste! Ouço o sangue de teu irmão clamar por mim desde o solo”

(Gênesis 4:10)

Era uma tarde ensolarada de domingo na cidade maravilhosa. Um daqueles domingos em que relaxamos e nos permitimos um pouco de descanso. Este domingo tinha algo especial: um chá de bebê. Certamente, a chegada de um recém-nascido é um momento recheado de medos e expectativas e, neste caso, o chá de bebê que antecede tal chegada significa muita coisa: significa a esperança que a vida vai se multiplicar; significa solidariedade para com os pais que, muitas vezes sem recursos, precisam do amparo de amigos e familiares; significa que a vida é frágil e, portanto, precisa de cuidado, antecipação e parceria; significa, sobretudo, preparar o mundo para aqueles que ainda não chegaram nele.

Era domingo e Evaldo planejava ir ao chá de bebê de uma amiga. Provavelmente ele seguiu um itinerário comum: vestiu uma roupa que foi cuidadosamente escolhida para o evento, se perfumou cautelosamente, observou com esmero a sua figura no espelho, ficou atento ao relógio, apressou a esposa e o filho, planejou um trajeto, sentiu um pouco de ansiedade, saiu de casa. Durante o percurso é provável que lembrou do sentimento que teve há a sete anos, quando sua esposa lhe contou que estava grávida. Talvez, neste momento Evaldo tenha olhado por meio do espelho do retrovisor e visto seu filho. Talvez ele estivesse a pensar no futuro, nos prováveis netos que um dia teria, nos vários chás de bebês que ainda iria. Enquanto o automóvel cumpre seu plano e atravessa o trajeto previsto, passado e futuro, memórias e esperanças, se fundem nos caminhos da mente de Evaldo.

Era Evaldo, e nada sabemos do que ele pensava naquela fatídica tarde ensolarada de domingo. O que sabemos é que seus pensamentos foram interrompidos quando por “engano” — e foram mais de 80 “enganos” — um grupo de militares resolveram disparar com fuzis contra o seu carro. A caminho da celebração da vida, Evaldo encontrou a morte. Um chá de bebê significa muita coisa: significa a esperança de que a vida vai continuar, significa antecipação e cuidado, solidariedade e amparo. Significa, sobretudo, que a vida é frágil e que nós estamos aqui para preparar o mundo para aqueles que ainda não vieram. Entretanto, vida e morte se misturaram nos caminhos de Evaldo. O futuro de Evaldo, o último suspiro. O seu passado, uma vida impedida. O seu presente, terror. Para alguns a vida não é antecipação e preparo, mas sobrevivência e sorte: jogo imprevisível sem caminho certo e trajeto fácil. Para Evaldo dos Santos Rosa a imprevisibilidade acabou no dia 07 de abril de 2019, dia em que foi assassinado pelo Estado brasileiro. Para alguns a única certeza da vida é que ela não continua.

Evaldo dos Santos Rosa, assassinado por militares que dispararam mais de 80 vezes contra o carro que ele dirigia, era artista — músico —, trabalhador, pai e marido. É certo que tinha sonhos, mas era negro. Não há futuro certo quando se vive sob o terror de um Estado eugenista. Ao serem questionados sobre o ocorrido, os militares informaram que confundiram o automóvel de Evaldo com outro carro no qual se encontravam assaltantes em fuga. A explicação é tão brutal quanto o ato: o problema não está em militares saírem por aí fuzilando pessoas. O problema foi que se “enganaram” e matarem as pessoas erradas. Se as vítimas fossem os assaltantes não haveria “engano” algum e tudo seguiria seu fluxo natural. O Estado não é apenas eugenista, é fatal. A liberação para matar, que subjaz informalmente a prática policial, recentemente fez mais vítimas, 28 precisamente. Jacarezinho chora!

E todo dia é um domingo, e em cada domingo uma vítima. Corrijo: não uma vítima, mas 214. Essa é aproximadamente a média diária de vítimas de assassinato ou suicídio do ano de 2017. De acordo com dados do Ipea, Entre 2000 e 2018, mais de 1 milhão e 18 mil pessoas foram assassinadas no Brasil. Delas, mais de 660 mil eram negras (um total de 64,83% das vítimas). A este número aterrador devemos acrescentar ainda as mais de 168 mil vítimas de suicídio entre os anos de 2000 e 2017. Isso significam que no Brasil a cada 1 hora 9 pessoas morrem vítimas de assassinato ou suicídio — 9/1, a proporção mostra que aqui a medida do tempo é mais lenta que a da morte e número de mortos é maior do que o de horas. Entretanto, estes números aterrorizantes tendem a ficarem pequenos se comparados aos, até o momento, 475 mil mortos pela pandemia de covid-19.

Como justificar que a violência seja naturalizada? Como aceitar que pessoas sejam mortas — literalmente fuziladas — sem terem direito a um julgamento honesto, com direito à defesa e ao cumprimento da pena aos moldes da lei? Quem repara o sangue dos mortos que clama desde o chão? Como aceitar que a política de governo seja a negligência proposital cujo o efeito seja centenas de milhares de mortos?

**Sobre a Violência:**

No senso comum estamos acostumados a ouvir que a violência é um surto e os criminosos, por sua vez, doentes mentais, depravados, desiquilibrados, monstros, pessoas sem Deus. A violência é vista como o momento de ruptura com a ordem previamente estabelecida — a pacífica ordem dos cidadãos de bem. Além disso, o senso comum costuma identificar a violência à agressão física e ao ataque à propriedade privada. São totalmente ignoradas a violência simbólica, estrutural, as discriminações, as desigualdades e a violência governamental. Por fim, o senso comum considera a violência uma responsabilidade integral do agente violento: é o indivíduo a causa do ato violento. Indivíduo que vai ser visto como um ser maléfico, perigoso e criminoso — bandido como gostam de dizer. Em síntese, na linguagem do senso comum a violência é tratada como anormalidade posta pelos “maus elementos”. Desse modo, a violência é vista pelo prisma da descontinuidade. Ela é considerada descontínua porque (1) não é vista como estrutural, mas como episódica; (2) não é vista como a regra, mas como exceção que desfaz a ordem; (2) não é vista como imanente ao ser social, nascida das contradições sociais, mas como decorrente da ação de agentes atomizados que, por algum desvio moral ou patologia, são criminosos.

Considerada descontínua tanto no efeito quanto na causa, a violência solicita medidas emergenciais e pontuais — localizáveis no tempo e delimitadas no espaço. Trata-se das assim chamadas “operações policiais”, “pacificações” etc. Essas medidas, além de não tocarem na causa do problema, são, elas próprias, violentas — como atestam o caso do Jacarezinho e o fuzilamento de Evaldo. Além disso, vista como desordem, a explicação da violência é violenta. Podemos questionar qual é o papel que a ideia de “ordem” desempenha numa sociedade atravessada por desigualdades sociais, exclusões e violações dos direitos humanos como é a nossa. Não seria essa “ordem” o exercício contínuo da opressão às mulheres, aos negros, aos LGBTQIA+? Não seria a “ordem” justamente a sistemática negação da cidadania plena aos mais pobres e às minorias sociais? Não seria da “ordem” do dia o assassinato de 60 mil pessoas por ano? Não é da “ordem” que a maior parte desses vitimados pela violência sejam pessoas negras, pobre e com pouco estudo? Não é justamente a ordem do Brasil que o torna o quinto país no mundo a matar mais mulheres e o primeiro a matar pessoas LGBTQIA+?

Mais do que invisibilidade, a sociedade brasileira é incapaz de perceber que as próprias explicações que formulam para dar conta da violência são violentas. Para Chaui isso decorre do fato da sociedade está cega para o lugar efetivo da produção da violência: “a estrutura da sociedade brasileira” (CHAUI, M. 2017, p. 41). A sociedade brasileira fez da violência seu modo de operação, nela “as relações sociais e intersubjetivas são sempre realizadas como relação de um superior, que manda, e um inferior, que obedece” (*idem*, p. 43). Dessa maneira, explica Chaui, micropoderes despóticos capilarizam em toda a sociedade e a violência emerge dessas relações intersubjetivas — desde as relações familiares, perpassando as relações profissionais e comerciais até alcançar as relações políticas. Essas relações de mando e obediência são reforçadas por uma desigualdade estrutural e histórica. Consumo, educação, acesso a tratamentos médicos, uma boa alimentação, moradia, lazer etc, não são considerados como direitos, mas como privilégios e signos de *status* social. Mais do que isso, operando a partir do autoritarismo, a posse desses privilégios aparecem como autorização para relações hierárquicas entre os que podem mandar e os que devem obedecer. Temos que afirmar veementemente: a violência na sociedade brasileira não é um predicado acidental, é, antes de tudo, o seu modo mesmo de operação.

**Terror neoliberal e fim da cidadania:**

Ao que foi dito antes devemos acrescentar o atual processo de neoliberalização que estamos passando. O neoliberalismo defende o desmantelamento de todos os direitos sociais e os reduz ao mero papel de “serviços” prestados pelo Estado. Ora, justamente porque trabalha na lógica contrária à dos direitos, o neoliberalismo significa o fim da ideia de cidadania, pois desde os gregos ser cidadão significa pertencer à polis, isto é, ao espaço público. Os do Neoliberalismo são o acirramento da questão social e a exacerbação da insegurança social. Silvio Luiz de Almeida, no livro *O Ódio como Política*, chegou à conclusão de que o ressurgimento do conservadorismo no contexto atual não é acidental, mas efeito do neoliberalismo. Ele comenta...

O discurso liberal clássico, baseado no universalismo e no multiculturalismo, não é capaz de amparar enquanto ideologia a necessidade de uma prática política brutal de extermínio e de rebaixamento das condições de vida. Só pessoas capazes de articular um discurso de violência contra minorias, de intolerância e de hiperindividualismo podem dar conta de justificar o estágio atual da economia capitalista, e eles o fazem justamente invocando o direito e com o apoio das instituições de repressão do Estado.

A grande façanha do neoliberalismo foi transformar todas as formas de existência social em “empresas”. Na lógica neoliberal tudo assume a forma empresarial, até mesmo seres humanos dotados de subjetividade são tratados como empreendedores que devem apenas a si próprios o sucesso ou o fracasso sobre suas vidas. A hegemonia da retórica meritocrática impede o apreço à ideia de Direitos Humanos — já que estes não são pautados pela lógica do mérito e da conquista, mas pela ideia dignidade inerente à pessoa humana. No capitalismo neoliberal não existe dignidade humana, há apenas mérito. Aliás, não há propriamente pessoa humana, mas “empreendedores” que, como qualquer outra empresa, vale o que conquista.

O neoliberalismo transformou o capitalismo em forma total da existência e em única forma social possível. Com o neoliberalismo presenciamos a exacerbação de todas as violações que são estruturais do Brasil: a violência, o racismo estrutural, a discriminação, o machismo, a LGBTfobia, a criminalização da pobreza, a exclusão, a opressão, a insegurança social, o genocídio dos povos originários, o impedimento à cidadania. A maior perversidade está na culpabilização dos vitimados. Afinal, uma lógica que transforma direitos em privilégios e os privilégios em recompensas de esforços individuais, faz com que todos os excluídos sejam vistos como culpados por sua própria exclusão.

Culpando as vítimas e totalizando as formas de existência, o projeto neoliberal se assemelha às cercas elétricas de Auschwitz. Tais cercas não delimitavam um terreno, limitavam a existência humana e confinavam toda possibilidade de existência dos excluídos a um espaço de organização total e promoção do terror Nazista. As cercas de Auschwitz fritavam todos os que se atrevessem a atirar-se contra elas. Elas enunciavam que conceber a morte era mais fácil do que imaginar a vida fora dos campos de concentração. É como se elas dissessem:

— “Não há além... O além é apenas o último fôlego”.

A eliminação de qualquer horizonte alternativo significa que a vida se degenerou em terror. O terror não é uma violência física (só em alguns casos específicos que ele assume essa forma). Antes, o terror é a sensação de que não há outra vida possível a não ser aquela que nos foi imposta, uma vida que não escolhemos e que, embora brutal e violenta, é a única que nos resta. Uma vida que nos arrebenta, e, no entanto, é a única vida que temos.

Butler, em seu livro *A vida Psíquica do Poder*, escreveu o seguinte:

O poder se impõe sobre nós; enfraquecidos pela sua força, nós interiorizamos e aceitamos seus termos. O que essa descrição não diz, no entanto, é que “nós” que aceitamos tais termos somos fundamentalmente dependentes deles para “nossa” existência. [...] A sujeição consiste precisamente nessa dependência fundamental de um discurso que nunca escolhemos, mas que, paradoxalmente, inicia e sustenta nossa ação. [...] Como condição do vir a ser do sujeito, a subordinação implica uma submissão obrigatória. Além disso, o desejo de sobrevivência, o desejo de ser, é um desejo amplamente explorável. Aquele que mantém a promessa de existência contínua explora o desejo de sobrevivência.

O terror é uma certeza sem além, aquém e horizontes; é a onipresença de uma lógica única, fechada, que te inclui apenas se puder te instrumentalizar e te reduzir à condição de coisa. O terror é o poder que se impõe sobre nós e do qual somos dependentes, o poder que dá a vida para poder matar, poder do qual dependemos dele para viver ao mesmo tempo em que ele nos mata. O terror é a certeza da infelicidade. A sensação de que não importa o que você faça, você sempre estará enclausurado, sufocado, silenciado, imobilizado e impedido de viver uma vida verdadeiramente significativa para si, isto é, uma vida humana. O terror é o modelo totalitário transformado em modo de vida; uma vida consagrada ao altar da abjeção de si e ao sacrifício em nome da lógica única de mercado.

No Brasil, o terror neoliberal tem sua própria “cerca de Auschwitz” e ela se chama Estado, a prova disso são os 475 mil mortos por covid-19. Quando aceitamos, e geralmente o fazemos com certa tranquilidade, que não é possível superar o sistema vigente, que é mais fácil o extermínio da humanidade do que uma outra forma de vida social, neste preciso momento estamos atestando que vivemos sob o terror. Está na hora de virar esse jogo.

**Referências:**

CHAUI, Marilena. Escritos de Marilena Chaui Vl 2: **Sobre a violência**. São Paulo: Editora Autêntica 2013.

SOLANO, Esther et al. (Ed.). **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. Boitempo Editorial, 2018.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição**. Autêntica, 2017.

|  |
| --- |
| --- |
|  |

|  |
| --- |
|  |
|  |

"Brazilians gather in Candelária for massive protest - Rio de Janeiro" by Gustavo Oliveira Fotografia is licensed with CC BY-NC-SA 2.0. To view a copy of this license, visit https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/2.0/